

TRÍADE Tour: máquina espaço-temporal e dispositivo corpo-cidade¹

TRÍADE Tour: Space-Time Machine and Body-City Device

TRÍADE Tour: máquina espacio-temporal y dispositivo cuerpo-ciudad

Mariana Vaz de Camargo

Universidade de Paris Nanterre, França

Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial, SENAC, Brasil

RESUMO

O artigo apresenta as principais características da performance *TRÍADE Tour*. Inspirada pelo formato de excursões turísticas, é um audiotour coreográfico e interativo criado para territórios específicos pelo núcleo paulistano TRÍADE. Munidos de fones de ouvido, o grupo de participantes é conduzido por um roteiro audioguiado composto por coreografia, geografia, poesia, história e ficção. Os espectadores tornam-se atores do passeio-performance, subvertendo seu papel tradicional, e o espaço público é matéria, estratégia e zona de experimentação para encontros renovados com a cidade.

Palavras-chave: performance, cidade, memória, arte participativa, corpo

ABSTRACT

The article presents the main characteristics of the *TRÍADE Tour* performance. Inspired by the format of tourist excursions, it is a choreographic and interactive audio tour created for specific territories by the São Paulo-based TRÍADE collective. Equipped with headphones, the group of participants is guided through an audio-guided itinerary composed of choreography, geography, poetry, history, and fiction. Spectators become actors in the performance-tour, subverting their traditional role, and public space becomes material, strategy, and zone of experimentation for renewed encounters with the city.

Keywords: performance, city, memory, participatory art, body

RESUMEN

El artículo presenta las principales características del espectáculo *TRÍADE Tour*. Inspirado en el formato de las excursiones turísticas, se trata de un recorrido audioguiado coreográfico e interactivo creado para territorios específicos por el colectivo TRÍADE, con sede en São Paulo. Equipados con auriculares, el grupo de participantes es guiado a través de un itinerario audioguiado compuesto por coreografía, geografía, poesía, historia y ficción. Los espectadores se convierten en actores del espectáculo-tour, subvirtiendo su rol tradicional, y el espacio público es la materia prima, la estrategia y la zona de experimentación para nuevos encuentros con la ciudad.

Palabras clave: performance, ciudad, memoria, arte participativo, cuerpo

Trabalho submetido: 19/01/2026
Aprovado: 04/04/2026

Mariana Vaz de Camargo é mestre em Psicologia Social pelo PUC-SP e mestre em direção e dramaturgia pela Universidade de Paris Nanterre, França. É doutoranda em artes da cena – teatro na Universidade de Paris Nanterre, França e professora de pós-graduação do SENAC.

<https://orcid.org/0009-0006-2718-3857> | maricota.vaz@gmail.com

Este documento é distribuído nos termos da licença Creative Commons Attribution-Non-Commercial-NoDerivatives 4.0 International (CC BY-NC-ND 4.0) <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/> © 2026 Mariana Vaz de Camargo

Introdução

TRÍADE Tour é um dispositivo coreográfico para contextos espaciais, urbanos e sociais específicos. É um jogo performático e lúdico, formulado para discutir temas urgentes dos territórios onde atua e que, por princípio, embaralha os papéis tradicionais de espectador (aquele que assiste passivamente) e *performers* (aquele que atua em lugar de destaque). Munidos de aparelhos MP3 e fones de ouvido, os cerca de vinte participantes de cada grupo são conduzidos por um roteiro audioguiado composto por coreografia, geografia, poesia, história e ficção. Durante o *tour* coreográfico, por cerca de uma hora, os espectadores tornam-se atores do passeio-performance, subvertendo seu papel tradicional. Nessa operação, cria-se outra camada de espectadores: os próprios transeuntes desavisados que circulam pelo local. Enquanto o *público-guiado* é convidado a observar o potencial performático das ruas, o *público-transeunte* observa-os executarem coletivamente uma coreografia. O formato

1 Uma versão inicial desse texto foi apresentada pela autora no Seminário III Encontro de Arte, Cidade e Urbanidades, promovida pela Universidade Federal da Bahia, com o título "TRÍADE TOUR: cidade como matéria".



Fig. 1 - *TRÍADE Tour São Bento*. Fotografia: Janice D'Ávila.

TRÍADE Tour foi criado em 2011 pelo núcleo TRÍADE², formado pela autora e por Adriana Macul, em parceria com as artistas Flávia Melman, Larissa Salgado e Natalia Mallo, com a colaboração de Laura Bruno e financiado pela 10ª edição do Programa de Fomento à Dança para a cidade de São Paulo. O reconhecimento posterior pelo Programa de Ação Cultural (ProAC) de Formação e Difusão Cultural (2011) e pelo Prêmio Funarte Klauss Vianna Dança (2011) permitiu o amadurecimento da proposta. Desde então, foram realizadas cinco edições do projeto, das quais quatro na cidade de São Paulo: *TRÍADE Tour São Bento*, na região do chamado triângulo paulistano, logradouro histórico no centro da cidade (2011, primeira versão e 2012, versão final); *TRÍADE Tour Ouvirundum*, no bairro do Ipiranga, explorando o parque da Independência (2013); *TRÍADE Tour Vila Buarque*, deambulando pela Vila Buarque (2018) e, em 2024, o *TRÍADE Tour Fábrica*, criado para o Sesc Pompeia intramuros, um local icônico para a cultura da cidade (2024). Em 2013, a cidade de Santos foi palco do *TRÍADE Tour Santos* (2013), percorrendo as ruas do centro antigo.

2 Grupo paulistano formado em 2008, cujo trabalho pode ser conhecido em <https://nucleotriade.com/>.

Os roteiros exploram a fricção ficção-realidade como elemento de organização dramatúrgica. A magia se dá ora pela tradução dos aspectos históricos para a paisagem descoberta — atravessar um jardim ornamental de estilo francês para discutir a proposta higienista e o colonialismo — ora pela transposição coreográfica (ou cinestésica) de aspectos históricos ou filosóficos, como por exemplo dançar “cada um no seu quadrado” para discutir o fenômeno da gentrificação na cidade de São Paulo. Anunciadas pelo áudio, as situações cotidianas ordinárias são investidas de uma nova aura, criando uma fricção no real e os locais já conhecidos podem ganhar novas cores e sentidos, envolvendo e intrigando os participantes. A seguir, apresento e discuto brevemente as principais características do formato *TRÍADE Tour*, desenvolvido nos últimos quinze anos.

A dimensão pública e o contexto territorial específico

Em 2010, cansadas de apresentar espetáculos de dança contemporânea em salas teatrais quase vazias, TRÍADE decide investigar a

arte instalada na rua. “Um museu só é um lugar público para aqueles que escolhem ser público de museu” (Finkelpearl, 2001, p. 29), afirmou o artista Vito Acconci para justificar sua escolha por apresentar sua produção fora do museu. Meio século depois do artista estadunidense, seguimos o movimento de êxodo das artes, com alguma inspiração foucaultiana, de seus *loci* disciplinados e disciplinadores, o teatro e a galeria. Experimentamos e nos encantamos com a “complexidade, riqueza, contradições, convergências e divergências (também ideológicas e políticas) da rua”, como descreve o filósofo e sociólogo Henri Lefebvre (2000). A pesquisa resultou em *TRÍADE Tour São Bento*, uma ação ao mesmo tempo estética e de formação de público, permitindo-nos a comunicação com um espectro mais amplo de espectadores.

Cinquentenárias, as criações orientadas para um território específico, ou *site specific*, surgiram em um movimento contra as instituições tradicionais da arte e como resposta à esterilidade do cubo branco da galeria (O’Doherty, 2000). Desde então, frequentemente, essa prática foi fagocitada pelas forças de mercado, tornando-a ineficaz estética e politicamente. Segundo uma dinâmica capitalista clássica, a arte de vanguarda surge consciente de seu papel social e político, mas é rapidamente domesticada e assimilada pela cultura dominante (Peixoto, 2012). Cientes dessas limitações, e apesar do modismo frequentemente associado a essa prática, a escolha artística de se atuar em diálogo com as especificidades urbanas, sociais, políticas, históricas e simbólicas de um território pareceu-nos relevante. Em *One Place after Another: Site Specific Art and Locational Identity*, Miwon Kwon propõe encarar o *site specific* como “ideia-problema” ou uma esfera particular entre arte e política espacial. Para a pesquisadora, a prática relaciona-se com um “discurso urbano-estético ou cultural-espacial que combinam ideias de arte, arquitetura, desenho urbano, com teorias de cidade, espaço social e espaço público” (Kwon, 2002, p. 14). A proposta de Kwon de encarar a especificidade de território como “ideia-problema” traduz nossas inquietações ao formular a proposta do *audiotour* coreográfico e é convergente com os princípios estruturantes do projeto.

Não obstante, a configuração de *TRÍADE Tour* guarda o caráter específico do território, sem perder a possibilidade de circulação. Uma *ficção guarda-chuva* sustenta o formato e cada edição funciona como uma nova excursão de uma agência de turismo, a *TRÍADE Tour*. Emprestar a lógica e o formato das excursões de turismo permite a realização de diferentes edições, em múltiplas localidades: São Bento, Ipiranga, Santos, Vila Buarque, Sesc Pompeia. Para cada uma, criamos um percurso e um roteiro originais, contendo uma narrativa inédita e abordando as questões sociais, econômicas e urbanas locais. Ao mesmo tempo, realizar novas edições permite a continuidade e o aprimoramento da investigação do formato por mais de uma década e, portanto, a sobrevivência da performance no tempo – mas com limitações, principalmente financeiras. Afinal, a especificidade de cada roteiro demanda pesquisas históricas, geográficas e urbanas intensas, além da experiência território para escrever o roteiro – para criar *TRIADE Tour Santos*, residimos cerca de dois meses na cidade de Santos. Não é por acaso que a maior parte dos roteiros são na cidade de São Paulo, logradouro sede de *TRÍADE*.

Essa particularidade de um formato "mãe", com a possibilidade de desdobramento, guarda semelhanças (e, como sustentarei a seguir, diferenças fundamentais) com uma icônica criação dos alemães do Rimini Protokoll. O grupo europeu é pioneiro na criação de "teatro de passeio", denominação escolhida pelo pesquisador Marvin Carlson (2015) para descrever o trabalho dos artistas alemães, também cabível para descrever *TRÍADE Tour*. Em *Remote X*, fones de ouvido são ofertados para o público, que é enviado para flunar pela cidade em grupo, guiados por instruções remotas por áudio. O grupo de cerca de 50 pessoas é guiado por vozes sintéticas, semelhantes às dos dispositivos de GPS – sigla em inglês para Sistema de Posicionamento Global. Segundo o Rimini Protokoll, a performance questiona o encontro entre um grupo e uma inteligência artificial: "Como decisões são tomadas? Quem nós seguimos quando somos guiados por algoritmos?"³ (Rimini Protokoll, 2026).

3 How are joint decisions made? Who do we follow when we are guided by algorithms? (Rimini Protokoll, 2026, tradução nossa)

Remote X estreou em Berlin em 2013 e, como a maior parte das criações do renomado grupo alemão, viajou para algumas dezenas de cidades pelo mundo (dentre as quais São Paulo, em 2013). Segundo o Rimini, à medida que “o projeto viaja de cidade a cidade, cada nova versão *site-specific* é construída baseada na dramaturgia da cidade anterior”⁴ (Rimini Protokoll, 2026). Na análise que fazem da versão construída para Buenos Aires (*Remote Buenos Aires*), encenada em 2020, os pesquisadores Giorgio Z. Gislon e Michele L. Schiocchet discordam da denominação *site specific* para o trabalho, já que ele “apenas se adapta a diferentes contextos, preservando elementos que surgiram na relação com os locais por onde passou anteriormente” (Gislon & Schiocchet, 2020, p. 5). O formato dos alemães baseia-se em uma tipologia prévia de espaços públicos existentes na maior parte das cidades, como cemitério, escadaria, praça, hospital, igreja, metrô (ou trem), ponto turístico, hotel. O trajeto é construído a fim de organizar uma tipologia que pode ser repetida a cada cidade.

4 As the project tours from city to city, each new site-specific version builds upon the dramaturgy of the previous city. (Rimini Protokoll, 2026, tradução nossa)

Diferentemente da performance alemã, não há uma tipologia prévia ou um roteiro pré-definido para se elaborar uma nova versão de *TRIÁDE Tour*. Há uma forma de narrar as histórias, fazer indagações acerca da cidade, sugerir deslocamentos e composições coreográficas aprimoradas a cada nova edição, nos últimos quinze anos. Por vezes, há um local de saída pré-determinado: o Sesc Ipiranga, contratante do que veio a ser o *TRIÁDE Tour Ouvirundum*, seria o local de saída do trajeto e o Sesc Consolação, de maneira análoga, no *TRIÁDE Tour Vila Buarque*. Mesmo nesses casos, o trajeto subsequente foi desenhado de maneira autônoma, para dialogar com a pesquisa e as discussões pretendidas.

Outro elemento apontado por Gislon e Schiocchet foi a percepção da semelhança do grupo participante de *Remote Buenos Aires* com um grupo engajado em uma excursão turística: de fora, o grupo passeando, unido, assemelha-se a uma situação do turismo de massa. Recorrendo às reflexões de Giorgio Agamben (2005), os pesquisadores diferenciam a atividade massificante da realização de experiências, pois, fechado em circuitos pré-estabelecidos, a pessoa turista não se

abriria às “sensorialidades dos espaços, quanto mais às alteridades do mundo” (Gislon & Schiocchet, 2020, p. 10). *TRIÁDE Tour*, a seu turno, não só escancara a semelhança com os formatos turísticos, mas se aproveita dela: é uma excursão peculiar, na qual a experiência sensorial dos espaços tem papel preponderante e dispara as outras camadas, a *máquina espaço-temporal* e as reflexões acerca do espaço-urbano, como veremos a seguir.

A qualidade técnica e o sucesso comercial de *Remote X*, segundo Gislon & Schiocchet, garantiram a presença do trabalho nos principais festivais de artes cênicas ocidentais e em dezenas de cidades pelo mundo. A demanda internacional foi atendida por uma “máquina de produção”: o diretor raramente participava das adaptações e o grupo trabalhava com uma equipe fixa de quinze dramaturgos e técnicos, além de empregar artistas locais. É como se o grupo fosse o “operador de viagem que detém o controle da marca e faz a pesquisa e desenvolvimento a partir da matriz europeia, enquanto os artistas locais são



Fig. 2 - *TRIÁDE Tour Santos*. Fotografia: Helena Alba

como guias turísticos terceirizados” (Gislon & Schiocchet, 2020, p. 26). Já as edições de *TRIADE Tour* são realizadas pelas artistas criadoras e demandam tempo de pesquisa e imersão bastante distantes da máquina de produção.

Trafegar pelo Espaço, Viajar no Tempo

O deslocamento do corpo por um território, observando atentamente as diferentes paisagens, pode funcionar como uma *máquina espaço-temporal*, permitindo fricções entre presente e passado e a ativação (e o questionamento) das memórias. Seguindo a tradição do filósofo Henry Lefebvre, o geógrafo Milton Santos traz a ação humana para o centro do debate para conceituar “espaço”. Para ele, o *espaço humano* é a “morada do homem, seu lugar de vida e de trabalho, cujas formas e conteúdos são tão variados quanto as formas de vida” (Santos, 2002, p. 151). Em um espaço, há dinâmicas sociais operando com acelerações desiguais, provocando transformações não idênticas e, portanto, diversidade espacial. Sob esse prisma, o ser-humano é agente das transformações do espaço urbano e a cidade é encarada como um *corpo vivo*: por um lado, é produto social, mas também campo de ação (Lefebvre, 2003).

Santos aproximou-se das reflexões do filósofo Henri Bergson sobre o tempo e propôs que espaço e percepção temporal se encontram como *paisagem*. Apesar do tempo ser pura abstração, “através do espaço, a história se torna, ela própria, estrutura, estruturada em formas – que emergem em um lugar, arquitetura, uso do território” (Santos, 2002, p. 189). O tempo histórico é incorporado ao espaço como *rugosidade*, para então se transformar em paisagem. Segundo Santos (2002), a “rugosidade” é uma brecha da história — um constructo social decorrente das divisões sociais do trabalho correspondentes — que emerge como forma em um lugar. A paisagem, por sua vez, é o acúmulo em camadas das rugosidades; é como se a paisagem fosse um sítio arqueológico que, ao ser escavado, desvelaria estratos de tempos históricos sobrepostos (Santos, 2002, p. 151).

Em *TRÍADE Tour Ouvirundum*, o grupo é conduzido pelo bairro do Ipiranga, em São Paulo, até adentrar o parque da Independência, local onde, segundo a versão mais difundida da história nacional, às margens do riacho do Ipiranga, D. Pedro I teria proclamado a independência do Brasil. Os elementos da paisagem — os palacetes, a arquitetura do prédio do Museu do Ipiranga, o jardim geométrico e os monumentos — auxiliam-nos a, por meio do dispositivo do *audiotour*, deslocar temporal e sensorialmente os participantes. Viajando entre o passado e o presente, o público é convidado a refletir e questionar as versões da história da independência, do grito do Ipiranga, seus heróis, as pessoas protagonistas, os grandes e os pequenos feitos (sobre os debates acerca da Independência, ver Oliveira, 2022). "A História nunca para, não tem começo nem fim... O que está acontecendo agora, nessa história?", questiona o programa da performance (Tríade, 2013). Afinal, há certa plasticidade no passado que, em diferentes momentos, segundo a historiadora Cecília S. Oliveira (2022, p. 23), pode ser "relembrado, reescrito, reinventado, omitido ou comemorado, servindo a vários usos e muitos abusos também".

Por sua vez, *TRÍADE Tour Vila Buarque* coreografa "paisagens, ausências e reminiscências. Cicatrizes de um bairro, de uma cidade, de um país, da história, da memória, de agora e de outrora", afirma o programa (Tríade, 2018). Criado em 2018, durante a campanha pré-eleições presidenciais daquele ano, e com o país visivelmente rachado, o percurso sobe a rua Maria Antônia, passa pelo Centro Universitário Maria Antônia, localizado no prédio que abrigou a faculdade de Filosofia da USP, e pelo Mackenzie. Durante o trajeto, o grupo viaja para os anos da ditadura civil-militar, quando a rua Maria Antônia era um microcosmo das tensões políticas que dividiam o país. Em 1968, essa rua sediou uma violenta batalha entre grupos estudantis antagônicos que deixou cicatrizes profundas, inclusive a destruição do prédio da Filosofia. A batalha é narrada *in loco*: é do passado ou do presente que se fala? "O que quiseram que eu esquecesse, o que eu queria que você lembrasse" (Vaz de Camargo & Macul, 2018, s.p.).

O percurso termina embaixo do Elevado João Goulart, também conhecido como “Minhocão”. Erguido no coração da cidade no início da década de 1970, durante a ditadura civil-militar, o concreto armado da estrutura separou uma rua, cindiu o bairro e a cidade. É uma cicatriz no território paulistano, símbolo da ferida aberta representada pela ditadura civil-militar na memória nacional. Às vésperas da eleição presidencial que selou a cisão da sociedade brasileira, os participantes do *tour* eram posicionados embaixo do grande verme de concreto armado e fechavam os olhos. O roteiro relembra o apa-



Fig. 3 - TRIADE Tour Vila Buarque. Fotografia: Renato Batata.

gamento estrutural acerca das violências cometidas pelo regime ditatorial e o custo social, no tempo presente, das anistias concedidas aos seus causadores. “Eu queria que você lembrasse daquilo que quiseram que eu esquecesse. Isso foi ontem? Isso é hoje?” (Vaz de Camargo & Macul, 2018, s.p).

TRÍADE Tour provoca um movimento de encontro à cidade: espaço público, rugosidades e paisagens são matéria, estratégia e zona de experimentação. O *dispositivo coreográfico-narrativo* estimula novas percepções da cidade e indagações sobre a estrutura social, a ocupação do espaço urbano e a construção do espaço público. O olhar coreográfico das artistas criadoras lê a cidade e traduz os desenhos inventados pelas forças sociais e econômicas em tensão no espaço urbano; já o repertório dos estudos somáticos permite incorporar propostas sensoriais e cinestésicas no roteiro, a fim de criar desenhos coreográficos no espaço público. Os números superlativos envolvidos na obra do minhocão — “300 mil sacos de cimento, 60 mil metros cúbicos de concreto, 2 mil toneladas de cabos de aço, o tráfego duplamente engarrafado” (Vaz de Camargo & Macul, 2018, s.p.) — representam a densidade da megalópole paulistana e o peso da ditadura civil-militar.

Em *TRIADE Tour São Bento*, percorre-se a região do chamado “triângulo paulistano”, no centro velho da cidade de São Paulo, um dos setores mais antigos da cidade, centro da vida comercial na época áurea do café. O eixo narrativo é estabelecido em torno do Edifício Martinelli, o primeiro arranha-céu erguido na América Latina, um símbolo da verticalização da cidade. Por meio da história do edifício, reflete-se sobre questões contemporâneas e urgentes a respeito do modo-de-vida nas cidades, a exploração capitalista e os problemas de moradia consequentes. Entre os anos 1960 e 1990, a especulação imobiliária conduziu as áreas nobres para outras zonas da cidade e a região foi abandonada, prescindindo de investimento público e de projetos de qualificação urbana. A visão hegemônica, da decadência do centro da cidade, alardeada pela grande mídia, é contraposta pelo protagonismo que a região, notadamente a estação de metrô São Bento, considerada “o berço e referência da cultura hip hop no Brasil” (Lourenço, 2010, s.p.).

A Lente Teatral e a Cidade

A *teatralidade* não é uma propriedade intrínseca, mas um processo capaz de provocar “uma fenda no cotidiano”, que “pode favorecer a ficção emergir”, afirmam Josette Féral e Ronald Beirminhgham (2002, p. 97). Em diálogo com as reflexões dos pesquisadores, pode-se afirmar que em *TRÍADE Tour*, a paisagem é o disparador de “uma operação cognitiva fantástica, que permite a passagem do aqui para algum outro lugar” (Féral & Beirminhgham, 2002, p. 98).

O pesquisador estadunidense Marvin Carlson (2015) participou de *Remote X*, do Rimini Protokoll, em 2015, em Nova York e seu relato dá conta da teatralidade do cotidiano explorada pelo trabalho. Ainda que os encontros com pessoas e objetos testemunhados durante o trajeto não sejam planejados, as situações são “enquadradas ou teatralizadas pela situação da performance”, descreve Carlson (2015, p. 592). Delineada pelo áudio, a cidade se torna cenário e os moradores (ou transeuntes) tornam-se personagens. Analogamente, nos casos aqui estudados as situações cotidianas como o entregador de bicicleta que passa apressado, a pessoa de crachá na pausa para um café ou uma fila de pessoas esperando para almoçar são teatralizadas, enquadradas pela lente da performance e embaçadas pela trilha sonora.

Além de explorar diversos recursos de enquadramento ficcional do cotidiano, os roteiros são apoiados por narrativas ficcionais. Delineamos uma situação e personagens que nos auxiliam a narrar a história desejada, a partir de uma perspectiva específica: em *TRÍADE Tour São Bento*, a história da construção do Edifício Martinelli é narrada a partir da perspectiva do mordomo do construtor, para discutir as narrativas heroicas e seus protagonistas; queríamos discutir a saga do homem branco europeu de origem humilde que teria, às custas de muito trabalho, prosperado. A única exceção é o *TRÍADE Tour Fábrica*, erigido a partir da(s) história(s) do Sesc Pompéia (no plural, pois inevitavelmente, há mais de uma versão de um mesmo fato). O prédio do Sesc já era uma personagem cativante desde sua história pregressa como fábrica, incluindo a longa reforma durante

o período da ditadura civil-militar capitaneada pela arquiteta Lina Bo Bardi e o funcionamento como instituição sociocultural fundamental paulistana.

Considerações finais

Uma especificidade dos trabalhos audioguiados, nos moldes de *TRÍADE Tour* e *Remote X*, é o extremo controle: utilizando fones de ouvido, o grupo recebe orientações ininterruptas. Almeja-se que todos se desloquem juntos, em um ritmo estabelecido; há momentos de contemplação e pausa, mas eles também são controlados. É um arranjo peculiar – e tenso – entre a liberdade de estar no espaço público e o extremo controle do formato. A pessoa participante escolhe portar os fones auriculares e, durante o tempo do passeio, os outros sons são silenciados. *TRÍADE Tour* explora essa característica a seu modo: as indicações de deslocamentos vão, pouco a pouco, ganhando complexidade. Sujeitos a uma voz de comando, semelhante à figura da pessoa diretora em uma situação cênica, brinca-se com ritmo, sugerem-se pequenas coreografias. No final do trajeto, revela-se a atuação performativa das pessoas participantes: elas assistem a um vídeo e têm a oportunidade de, como espectadores, se verem participando de uma sucessão de *flash-mobs* ou dançando com o grupo. “Quem vai continuar te conduzindo, dirigindo, direcionando?”, questionam os últimos instantes dos roteiros, tensionando o direcionamento e o controle exercido ao longo do trajeto. Para nós, se o controle é uma premissa do formato, é também uma camada a ser explorada e indagada. É, portanto, inegável a fricção peculiar, e tensa, com a liberdade inerente ao formato. Não obstante, há também o encontro com a cidade, o espaço público, as memórias e a história.

Finalizo com uma constatação ética central: o espaço urbano não é público por natureza, mas só se torna público quando é de fato assim utilizado. Ter direito à cidade é ter “o direito de mudar a cidade” e não só ter acesso ao que nela existe, afirma o geógrafo britânico David Harvey (2013, p. 11). Apesar do modismo e do lugar comum que a expressão ganhou na última década e meia, a interpretação

dessas ideias e, principalmente, a mudança de práticas a partir delas ainda é incipiente. Afinal, se a cidade é um constructo social, “o direito à cidade não pode ser concebido simplesmente como um direito individual. Ele demanda um esforço coletivo e a formação de direitos políticos coletivos” (Harvey, 2013, p. 15). Estar na cidade e refletir sobre a forma como cada um de nós ocupa (e se ocupa de) o espaço coletivo é um elemento fundamental da máquina espaço-temporal *TRÍADE Tour*.

Referências

Agamben, G. (2005). *Infância e história: destruição da experiência e origem da história*. Editora UFMG.

Carlson, M. (2015) Postdramatic Theatre and Postdramatic Performance. *Revista Brasileira de Estudos da Presença*, 5(3), 577–595, 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/2237-266053731>.

Féral, J. & Bermingham, R. P. (2002). Theatricality: The Specificity of Theatrical Language. *SubStance*, 31(2/3), 94–108, <https://www.jstor.org/stable/3685480>.

Finkelpearl, T. (2001). *Dialogues in Public Art*. The MIT Press.

Gislon, G. & Schiocchet, M. L. (2020). O estranhamento do turismo controlado: no áudio tour Remote Buenos Aires do Rimini Protokoll. *Urdimento - Revista de Estudos em Artes Cênicas*, 2(38), 1–28. <https://doi.org/10.5965/14145731023820200013>

Harvey, D (2013). A liberdade da cidade. In C. Vainer. et al. *Cidades rebeldes: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil*. Boitempo, Carta Maior.

Kwon, M (2002). *One Place After Another. Site Specif Art and Locational Identity*. The MIT Press.

Lefebvre, H. (2000). *La production de l'espace*. 4e éd. Anthropos.

Lourenço, M. L. (2010). Arte, cultura e política: O Movimento Hip Hop e a constituição dos narradores urbanos. *Psicologia para América Latina*, 19. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1870-350X2010000100014&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt

O'Doherty, B. (2000). *Inside the White cube: the ideology of the gallery space*. University of California Press.

Oliveira, C. H. de S. (2022). Memória, historiografia e política: A independência do Brasil, 200 anos depois. *Estudos Avançados*, 36(105), 23–42. <https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2022.36105.003>

Peixoto, N. B. (2012). *Intervenções Urbanas: Arte/Cidade*. Editora Senac São Paulo / Edições Sesc SP.

Rimini Protokoll (jan 2026) *Remote X*. <https://www.riminiprotokoll.de/website/de/project/remote-x2020>

Santos, M. (2002). *Por Uma Geografia Nova*. Edusp.

Tríade (2013). *TRÍADE Tour Ouvirundum* [brochura].

Tríade (2018). *TRÍADE Tour Vila Buarque* [brochura].

Vaz de Camargo, M. & Macul, A. (2012). *TRÍADE Tour São Bento* [audiroteiro].

Vaz de Camargo, M. & Macul, A. (2013). *TRÍADE Tour Ouvirundum* [audiroteiro].

Vaz de Camargo, M. & Macul, A. (2018). *TRÍADE Tour Vila Buarque* [audiroteiro].

arte
: lugar
: cidade